

In: ANDRADE, F. A. de; MACIEL, I. M. de O.; FELIX, A. G. F. (Orgs.).
Educação Brasileira: peculiaridades e pluralidades. Curitiba: CRV, 2019.
p. 33-43.

A CONTRIBUIÇÃO DAS HISTÓRIAS DE VIDA E O MÉTODO AUTOBIOGRÁFICO PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE

Bruno Miranda Freitas
Paulo Meireles Barguil

A memória guardará o que valer a pena. A memória sabe de mim mais que eu; e ela não perde o que merece ser salvo
(GALEANO, 2001, p. 8).

A partir da década de 1990, as histórias de vida e o método autobiográfico passaram a ser estudados e pesquisados como uma alternativa de conhecer o indivíduo e suas relações com o meio social, cultural e educacional, possibilitando o resgate de experiências que permeiam a sua construção. Trata-se de um novo paradigma de compreensão, sendo a alteração do real produzida por ações concretas que formalizam os atores sociais que reivindicam sua própria vida para traçar as trajetórias formativas.

O método autobiográfico e as histórias de vida são tratadas “[...] como prática autopoietica, ou seja, aquela que trabalha para produzir por si mesma sua própria identidade e agir de conformidade com seu propósito” (PINEAU; GRAND, 2012, p. 16), sendo, ainda, um processo humano e, sobretudo, “[...] um fenômeno antropológico” (PINEAU; GRAND, 2012, p. 17).

Nóvoa e Finger (2014, p. 22) afirmam que a utilização das histórias de vida procura demonstrar o domínio da formação humana e que o método autobiográfico “[...] permite que cada pessoa identifique na sua própria história de vida aquilo que foi realmente formador”. Nesse contexto, os fatores políticos, educacionais, sociais e culturais marcam o sujeito de forma constitutiva de seu processo de protagonismo em sua trajetória de vida.

A partir desse cenário, o presente artigo busca refletir sobre as contribuições das histórias de vida e do método autobiográfico para as pesquisas sobre a formação de professores e compreender como estes métodos subsidiaram a construção da identidade docente. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, mediante reflexões sobre a utilização das histórias de vida e do método autobiográfico na formação de professores. A utilização desses “novos” métodos é necessária para refletirmos sobre a formação de professores no nosso atual contexto e sobre a compreensão do nosso eu profissional buscando responder “quem sou”, “que lugar ocupo na docência” e “que lugar a docência ocupa em mim”?

4 Apesar dos estudos serem recentes no Brasil, o Método Autobiográfico e as Histórias de Vida, na prática, já era bastante utilizada, principalmente na Europa.

Breve histórico sobre as histórias de vida

As memórias situam-se, portanto, na interseção da história coletiva oficial dos feitos memoráveis e da história de vida individual (PINEAU; GRAND, 2012, p. 50).

Aparentemente, o método autobiográfico e as histórias de vida parecem ser novidades, no entanto, como apontado anteriormente, desde a década de 1990, eles ganharam espaço no meio acadêmico. Pineau e Grand (2012, p. 43) afirmam que estes métodos surgiram na Grécia “[...] no século V antes de Cristo, com o nome de *bios*” e, num ambiente de reformas da vida política e cultural, visavam “[...] à construção da identidade nacional frente aos persas”.

As *bios* surgiram com o intuito de redefinir a identidade dos povos buscando construir sentido e conhecimento dos grandes feitos dos homens na sociedade a partir de cartas, poemas e anedotas. Em Roma, a autobiografia teria surgido no século II a.C.; enquanto a biografia no século seguinte. Na Idade Antiga, tem-se as Confissões de Santo Agostinho, no final do século IV, tidas como uma obra de referência deste período. Na compreensão de Pineau e Grand (2012, p. 46),

As Confissões de Santo Agostinho, e mais tarde as de Rousseau, podem ser vistas como reconhecimentos das suas vidas, com seus limites, e até mesmo em seus limites, situação avançada que delimita essa vida, embora deixando também entrever o que a vida tem de ilimitado.

Agostinho realizou essa prática de narrar sua trajetória dando um reconhecimento a ele mesmo, tanto no tempo em que viveu como na eternidade⁶. Para Pineau e Grand (2012, p. 47), tal prática implica no reconhecimento de que “[...] não existiria entre a atividade de contar uma história e a situação temporal humana uma relação maior e vital”.

Na Idade Média (séculos V a XIV), surge a Canção de gesta que “[...] é um modo poético medieval de comunicar a significação de um fato temporal marcante [...]” (PINEAU; GRAND, 2012, p. 47) que foi reforçada “[...] pela música e pelo canto e praticadas por troveiros e trovadores”. (PINEAU; GRAND, 2012, p. 48) representados por histórias, cartas de amor e pelas cruzadas. Nesta mesma época, alguns termos na França foram sendo criados para a reflexão sobre a temporalidade.

A própria palavra “história” apareceu, já no século XII, com o sentido de “representação figurada”. Ao longo desse mesmo século, apareceram os termos “crônicas” – “livro que se reporta ao tempo” – e “genealogia” – “ciência das origens ou sequência, recenseamento dos ancestrais”. No século XVI, “história” significava “contar”, e no século XV, “histórico” havia sido criado (PINEAU; GRAND, 2012, p. 48).

5 O termo “biografia” surgiu dez séculos mais tarde, e “autobiografia” vinte e quatro séculos depois, no ano de 1800 na Alemanha e na Inglaterra.

6 Aqui se refere a sua obra que, até hoje, é um referencial na construção das narrativas autobiográficas.

A criação destes termos e gênero literários foi importante para o começo da reflexão da temporalidade. Neste período, ainda surgem outros termos⁷, buscando dar sentido à vida. Durante o Renascimento, até o século XVII, surge e se desenvolve a imprensa. Nesta época, alguns acontecimentos – a descoberta do “Novo Mundo” e a Reforma Protestante de Lutero – ampliam na Europa os “[...] sentidos científicos religiosos, políticos e culturais” (PINEAU; GRAND, 2012, p. 48).

Estes fatos impulsionam a construção do conhecimento moderno. Nesse contexto, as memórias, mais do que nunca, se tornam importantes para a história da sociedade. Assim, “[...] os séculos XVII e XVIII assistem a um florescimento das escritas religiosas do eu na Inglaterra e na Alemanha, anunciando a explosão romântica, de que são contemporâneas as *Confissões* de Rousseau (1782)” (PINEAU; GRAND, 2012, p. 52).

Entre os séculos XVIII e XIX, o método autobiográfico e as histórias de vida têm o seu ápice na Europa. Histórias de vida, memórias, autobiografia, biografias, lembranças, dentre outros termos, foram considerados fenômenos na época. As variedades dessas formas literárias ganham o mundo nos séculos XX e XXI, sobretudo no Brasil, quando essa nova forma ganha força nas Ciências Humanas, mais precisamente na Educação, buscando compreender a Heteroformação (ação dos outros) e a Autoformação (formação do eu) “[...] numa perspectiva de autonomização educativa” (PINEAU, 2014, p. 91).

As histórias de vida e o método (auto)biográfico

[...] o método biográfico permite que cada pessoa identifique na sua própria história de vida aquilo que realmente foi formador (PINEAU; GRAND, 2012, p. 22).

Pineau e Grand (2012, p. 37) discutem as histórias de vida a partir do entendimento de que elas são “[...] concebidas como abordagem de pesquisa, mas também como prática de formação”, e que estas estão longe do campo da teoria, pois estão articuladas entre teoria e prática. “Trata-se de compreender o sentido que os atores sociais dão a seus atos, aos acontecimentos que lhes dizem respeito” (PINEAU; GRAND, 2012, p. 33).

Construir uma história de vida é constituir um terceiro-tempo histórico pessoal que articula de modo singular vestígios, lugares e datas no curso da vida social e cósmica. [...] requer do sujeito que ele tenha vivido e ousado diferenciar-se desse vivido para construir e, mais tarde, incluir nessa construção um terceiro-tempo singular, situado entre a particularidade e a universalidade (PINEAU; GRAND, 2012, p. 114).

7 “Diário” para relacionar os acontecimentos do dia a dia; “memória” para preservar alguma lembrança ou fato histórico e “Anais” (que surgiu um século depois) para relatos de acontecimentos que ocorreram durante o ano (PINEAU; GRAND, 2012).

As histórias de vida e o método autobiográfico têm seu conhecimento no campo etnometodológico⁸ e etnográfico⁹, pois buscam compreender os fenômenos sociais e atribuir sentidos e significados às experiências, sejam elas coletivas ou individuais. Ao reconstruirmos nosso itinerário de vida, realizamos uma reflexão ao lembrarmos do passado e, a partir disso, temos consciência de si e, conseqüentemente, o modo formativo do método biográfico e da história de vida passam a habitar essa consciência de nossas experiências, sejam elas agradáveis ou desagradáveis. Nesse sentido, Nóvoa (2014, p. 153) afirma:

As histórias de vida e o método (auto)biográfico integram-se no movimento atual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia que ‘ninguém forma ninguém’ e que ‘a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida’.

Pineau e Grand (2012, p. 151) afirmam que as histórias de vida e o método autobiográfico não têm o intuito de revisitar o passado ou lembrar de uma experiência significativa marcada pela subjetividade, mas trata-se de “[...] uma produção construída (e não reconstruída)” que busca “uma memória que produz sentido”.

Estes dois métodos não são dissociados “[...] de uma estratégia de conhecimento, de um programa de pesquisa, nem de uma problemática” (PINEAU; GRAND, 2012, p. 153), mas articulados a outros modos de reflexão e pesquisa, pois são “[...] um meio estratégico vital para construir sentido e produzir a vida” (PINEAU; GRAND, 2012, p. 170).

Estes métodos orientam-se “[...] no sentido de uma análise das práticas e dos processos sociais, [...] não se trata de obter um relato de vida por ele mesmo, mas, antes, um relato de práticas” (PINEAU; GRAND, 2012, p. 34). “É uma mescla de acaso e de necessidade, cuja narração não pode ser mais do que uma reconstrução subjetiva e arbitrária, carente de qualquer objetividade” (PINEAU; GRAND, 2012, p. 108).

Quando evocamos alguma lembrança, temos a concepção de que ela não está apenas no campo subjetivo, já que as vivências do sujeito estão situadas no contexto cultural e histórico. Essas lembranças “[...] se entrelaçam com histórias interpessoais e intergeracionais” (PINEAU; GRAND, 2012, p. 118), sendo impossível de se dissociar das experiências no campo cultural de cada indivíduo.

Importante ressaltar que as narrativas biográficas situam sempre o sujeito como protagonista na interpretação de sua trajetória. A rememoração permite ao sujeito se observar em uma dimensão genealógica, construindo sentidos capazes de narrar suas experiências significativas no campo da formação. Dessa forma,

As histórias de vida constituem uma arte poderosa de governo dessa vida, a qual, conforme suas condições de exercício, pode ajudar, sujeitar ou autonomizar.

8 Etnometodologia trata-se de uma corrente sociológica que trabalha na perspectiva de uma pesquisa compreensiva. Para mais informações ver: MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

9 Etnografia é um trabalho de observação e descrição de situações particulares.

Muito eficazes, elas produzem algo, uma história, naturalmente, mas que não se reduz a um simples enunciado. Elas conferem sentido à experiência vivida, e se esse sentido é apropriado pelo sujeito, elas desenvolvem uma competência não apenas linguística, mas também comunicativa ou pragmática (PINEAU; GRAND, 2012, p. 125).

Tornar a escrita sobre si como um percurso formativo e de autoconhecimento é valorizar a própria subjetividade e as experiências vivenciadas. Esta centralidade que o sujeito adquire no próprio processo de formação “[...] é a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia” (FERRAROTTI, 2014, p. 42).

Portanto, é necessário “[...] compreender a dinâmica do sujeito na sua maneira de fazer escolhas ou de se deixar ir, de reagir aos acontecimentos e de orientar a sua existência em cada período” (JOSSO, 2014, p. 69) para que o indivíduo possa reconhecer na sua própria narrativa seu processo de construção de identidade.

Os dois métodos que estão sendo discutidos contribuem para as Ciências Humanas, de forma particular na Educação, sobretudo na formação docente. Estes estudos centram-se na figura do professor buscando compreender a constituição de sua identidade e no resgate e na interpretação de sua trajetória de vida. A partir dessa atitude, começamos a entender os saberes que compõem a profissão e a reconhecer o professor como sujeito de um sentir, um saber e um fazer. Essa temática será discutida no item a seguir.

Histórias de vida e método autobiográfico na formação inicial e continuada de professores

Aquilo em que cada um se torna é atravessado pela presença de todos aqueles de que se recorda
(DOMINICÉ, 2014, p. 81).

A utilização do método autobiográfico e das histórias de vida no processo de formação de professores, seja ela inicial ou continuada, é considerada um movimento de investigação-formação, pois “[...] abordamos a primazia do sujeito que aprende na elaboração de um saber sobre a sua formação e as suas aprendizagens” (JOSSO, 2014, p. 62).

Nesse contexto, a formação de professores é uma:

Atividade humana inteligente, de caráter dinâmico, que reclama ações complexas e não lineares. Trata-se, pois, de um processo no qual o professor deve ser envolvido de modo ativo, precisando continuamente desenvolver atitude de questionamento, reflexão, experimentação e interação que fomentem a mudança [...] como processo de desenvolvimento profissional e pessoal, em que são fundamentais a colaboração e o envolvimento coletivo (FARIAS et al., 2011, p. 68).

Por ser plural, a formação inicial de professores envolve aspectos distintos que irão compor a identidade profissional docente, o que engloba desde a inserção do

estudante no curso de licenciatura, passando pelas disciplinas de natureza teórica e prática, até o momento do estágio supervisionado, que “[...] é o espaço por excelência onde podemos refletir sobre essas e outras questões alusivas à vida e ao trabalho docente [...]” (PIMENTA; LIMA, 2017, p. 128).

Durante esse processo, emergem questionamentos do tipo: Em que momento da formação fica evidenciada a construção da identidade do professor? Em que momento a história de vida dos licenciandos foi considerada nesse processo formativo? Como as histórias de vida ajudam a construir essa identidade profissional na docência?

Felizmente, no campo da Educação, estamos vivenciando a introdução da trajetória formativa dos futuros professores como maneira de compreender a formação desses sujeitos a partir da subjetividade, identidade e histórias que estes trazem consigo. Trata-se de compreender a constituição de sua identidade profissional em diferentes aspectos como o pessoal e o cultural.

Os estudos de Nóvoa e Finger (2014) sobre as histórias de vida e o método autobiográfico inseridos no campo educacional centram-se em uma única pessoa: o professor. E a inserção destes estudos em sua formação inicial objetiva identificar como sua trajetória formativa influenciou sua escolha profissional e como ajudou a construir sua profissionalidade docente.

Compreendemos a profissionalidade docente como o “[...] conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor” (SACRISTÁN, 1991, p. 64). A constituição desse conjunto de conhecimentos acontece mediante a trajetória de vida dos licenciandos, pois estes trazem consigo, “[...] as marcas do tempo em que vive, dos lugares e condições concretas de sua existência” (FARIAS et al., 2011, p. 61). Dessa maneira, o professor em processo de formação inicial e continuada pode compreender e buscar sentidos para as suas ações ao longo de sua trajetória de vida, que também pode ser nomeada como trajetória formativa.

A utilização das histórias de vida está vinculada ao caráter formativo desta prática autopoiética. Ao reconstruir sua trajetória de vida, o sujeito realiza uma reflexão sobre seu passado e faz uma memória de seus caminhos formativos. Estamos de acordo com Josso (2014, p. 65), quando afirma que “[...] a lembrança é um processo associativo que se refina e se enriquece com as outras narrativas e com as questões suscitadas por cada narrativa [...]”.

Trata-se de fazer sua história de vida procurando construir narrativamente os sentidos dessa vida (PINEAU; GRAND, 2012). Isto significa que o próprio sujeito se forma ao buscar a compreensão de sua própria trajetória de vida. No entendimento de Josso (2014, p. 67), é o processo de lembrar que contribui com novas interpretações do fazer docente, pois “[...] o sujeito confronta-se consigo mesmo”.

Ao inserirmos o método autobiográfico e as histórias de vidas na formação inicial e continuada de professores com o intuito de resgatar suas trajetórias formativas, estamos querendo compreender como estes sujeitos se constituem professores a partir de sua própria história de vida. Não se trata apenas de uma atividade isolada ou de uma construção biográfica sem sentido. É a busca pela compreensão da construção da identidade profissional docente.

A identidade profissional docente é uma elaboração para a qual contribuem diversos fatores, dentre eles a história de vida do professor, a formação vivenciada em sua trajetória profissional e o significado que cada docente confere à atividade profissional no seu cotidiano, com base em seus saberes, angústias e anseios (FARIAS et al., 2011, p. 60).

Corroborando com Farias et al. (2011), que reconhecem a influência e a importância de elementos de natureza biográfica na formação inicial de professores como um modo de nos constituirmos profissionalmente na docência, Pimenta (1999, p. 18) afirma que essa formação “[...] não é um dado imutável. Nem externo, que possa ser adquirido. Mas é um processo de construção do sujeito historicamente situado”. Para a referida autora, a profissionalidade docente

Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor (PIMENTA, 1999, p. 19).

Importante destacar que os significados que permeiam a trajetória de vida do professor constituem a sua identidade docente. A reflexão acerca de sua vida é “[...] uma ação social pela qual um indivíduo retotaliza sinteticamente a sua vida” (FERRAROTTI, 2014, p. 44), pois “[...] as pessoas querem compreender a sua vida cotidiana, as suas dificuldades e contradições, e as tensões e problemas que lhes impõe” (FERRAROTTI, 2014, p. 31).

Ao narrar sua história de vida, o professor busca a autorreflexão para planejar sua prática educativa para seu desenvolvimento pessoal e profissional. Essa autorreflexão nos permite ver um novo processo de formação no qual o professor é o formador, ou seja, a formação faz parte do próprio processo existencial.

Conforme Pineau e Grand (2012, p. 37), “[...] a história de vida é concebida como abordagem de pesquisa, mas também como prática de formação. Ela não visa apenas à teorização de práticas empíricas, mas igualmente à articulação dialética de dois polos: prático e teórico.”. Esses autores discutem a prática do método como forma de compreensão e reflexão das relações e situações vividas cotidianamente pelos sujeitos como forma de construção de saberes e de sua própria formação.

Eles também afirmam que “[...] o movimento de ‘redescoberta’ da história de vida deve ser recolocada no âmbito desse desenvolvimento das pesquisas de campo que reconhecem o papel importante da descrição de universos singulares, no cotidiano” (PINEAU; GRAND, 2012, p. 80). Trata-se de construir um campo de conhecimento sobre as narrativas biográficas com os resultados de pesquisas da área, pois, apesar de estarmos evidenciando a ascensão destes métodos, as pesquisas sobre esse assunto ainda são poucas e, por muitas vezes, não é dada credibilidade sobre o assunto.

Ao (re)construir a sua trajetória formativa, o professor, aos poucos, vai ampliando a sua compreensão da sua jornada profissional e de seus saberes. No entendimento

de Barguil (2017, p. 209) os saberes docentes são três: conteudístico, pedagógico e existencial.

O saber conteudístico abrange os conceitos que serão lecionados pelo docente, incluindo o seu caráter histórico, ou seja, as condições sociais, o contexto que permitiram o seu desenvolvimento, favorecendo, assim, a aprendizagem dos estudantes. O saber pedagógico contempla teorias da aprendizagem, metodologias, recursos didáticos e transposição didática: ele se expressa na relação professor-conhecimento-estudante, nos materiais didáticos e na dinâmica da sala de aula, de modo que as escolhas pedagógicas (ensino) considerem as dimensões discentes (aprendizagem). O saber existencial congrega crenças, sentimentos, valores e percepções, ou seja, é a subjetividade do professor: o seu sentir, agir e pensar sobre a vida, o conhecimento, o estudante e a Educação.

O saber existencial relaciona-se com a história de vida do professor. “Esse tipo de saber recorre, portanto, a um processo de formação da parte da pessoa e inclui uma compreensão dos fatores históricos, sociais e culturais que foram determinantes no seu percurso de vida” (FINGER, 2014, p. 115-116).

Algumas considerações

Este trabalho objetivou refletir sobre as contribuições das histórias de vida e do método autobiográfico na formação docente buscando a compreensão destes métodos para a construção da identidade do professor. Compreender a história de vida e a trajetória formativa é um grande aporte na formação inicial e continuada de professores em decorrência da possibilidade de o sujeito rememorar fatos e acontecimentos importantes em seu trajeto.

Estas memórias podem ser refletidas com base em teorias como a constituição do saber docente, da didática e do papel do professor perante a contextualização do ensino em âmbito social, cultural e político, evidenciando a construção de sua identidade profissional, a qual não é estática.

A literatura discutida no presente estudo possibilitou identificar algumas características sobre o método autobiográfico e as histórias de vida. Os autores defendem a narrativa biográfica como método de construção de conhecimento e de formação do sujeito. A partir desta análise, buscamos compreender o caráter formativo deste novo método na formação inicial e continuada de professores.

O sujeito em formação busca construir sentido e identidade através das narrativas biográficas criando e recriando suas relações de convívio social e cultural com o outro, questionando aquilo que se apresenta e auxilia na formação docente, contribuindo com uma nova percepção de saber existencial e histórico-cultural.

Ressaltamos que a utilização das histórias de vida na formação docente pode contribuir com a construção da identidade profissional docente, evidenciando o saber constituído nas suas próprias experiências formativas. Consideramos que, durante a formação do professor, existem momentos que podem aliar sua história de vida,

perpassando pela Educação Básica, como a experiência profissional que favorece a construção de novos significados ao sentir e ao fazer docente e da profissionalidade docente pautada na reflexão, autonomia e consciência de educar nos dias atuais.

O que queremos com esta discussão é apontar as narrativas biográficas como importante aspecto na formação docente para a constituição de saberes necessários à prática pedagógica, pautados na reflexão do ser como sujeito protagonista de sua própria existência.

REFERÊNCIAS

BARGUIL, Paulo Meireles. Aprendizizes em múltiplos espaços-tempos. In: BARGUIL, Paulo Meireles (Org.). **Aprendiz, Docência e Escola**: novas perspectivas. Fortaleza: Impreco, 2017. p. 199-231.

DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. 2. ed. Natal: EDUFRRN, 2014. p. 77-90.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de; SALES, Josete de Oliveira Castelo Branco; BRAGA, Maria Margarete Sampaio de Carvalho; FRANÇA, Maria do Socorro Lima Marques. **Didática e Docência**: aprendendo a profissão. 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2011.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Tradução Maria NÓVOA. 2. ed. Natal: EDUFRRN, 2014. p. 29-55.

FINGER, Matthias. As implicações socioepistemológicas do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Trad. Maria NÓVOA. 2. ed. Natal: EDUFRRN, 2014. p. 111-119.

GALEANO, Eduardo. **Dias e noites de amor e de guerra**. Trad. Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2001.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito... Ao sujeito da formação. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Trad. Maria NÓVOA. 2. ed. Natal: EDUFRRN, 2014. p. 57-76.

NÓVOA, António. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. 2. ed. Natal: EDUFRRN, 2014. p. 143-175.

NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). Introdução. In: _____. **O método (auto)biográfico e a formação**. Trad. Maria NÓVOA. 2. ed. Natal: EDUFRRN, 2014. p. 19-27.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez Editora, 1999. p. 15-34.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida: entre a hétéro e a ecoformação. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Trad. Maria NÓVOA. 2. ed. Natal: EDUFRRN, 2014. p. 91-109.

PINEAU, Gaston; GRAND, Jean-louis Le. **As Histórias de vida**. Trad. Carlos Eduardo Galvão Braga e Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDUFRRN, 2012.

SACRISTÁN, José Gimeno. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1991. p. 61-92.